

1980  
Um depoimento sobre a questão indígena — 1



Parade do Tupac Katari, o partido indígena da Bolívia.

“Somos descendentes da mesma opressão”

Durante o Congresso Latino-Americano dos Povos Indígenas realizado no início deste mês em Cuzco, no Peru, uma pergunta permaneceu sem resposta: qual o destino dos povos indígenas do mundo, — uma população calculada, hoje, em cerca de 350 milhões de pessoas?

Ramiro Reynaga, um índio da nação dos Keshwas, da Bolívia, Coordenador Geral do Conselho Sul-Americano dos Povos Indígenas, crê que a única maneira de evitar o extermínio dos índios diante do avanço dos “civilizados” é a criação de um Estado independente, governado pelos próprios índios e regido segundo suas leis.

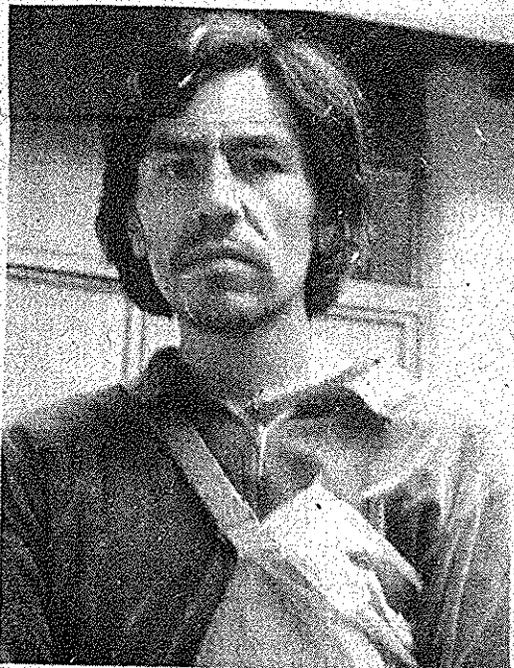
Neste primeiro depoimento de uma série de quatro concedidos a Carlos Alberto Luppi, enviado especial da “Folha”, ao Congresso Índio de Cuzco, Ramiro Reynaga fala desse Estado com certeza de que ele será constituído e expõe claramente suas razões para pensar assim. Ativo membro do Tupac Katari, um movimento político indígena da Bolívia, ele acredita no crescimento dos movimentos indígenas na América Latina. Na Bolívia, pelo menos, o Tupac Katari tem apresentado um crescimento favorável. Num país onde 87% da população é composta por índios, o Tupac Katari já conseguiu 100 mil adeptos em menos de quatro anos de atuação, informou o Coordenador.

O Estado sonhado por Reynaga, que tem formação universitária obtida em Cuba (ele é especialista em sociologia e ciência política), terá como base a propriedade comunal típica do Império Incaico, onde o “Bem Comum” está acima de tudo e a vida estreitamente ligada à “Pachamama” (Mãe Natureza), a base de toda fertilidade e produtividade. Sob a liderança de Ramiro Reynaga encontram-se atualmente 60 milhões de indígenas, somente na América do Sul. E sobre esses índios, inclusive os brasileiros, que ele fala no início de seu depoimento:

“A situação do índio sul-americano ainda é colonial. Apesar das diversas formas com que a violência se manifesta sobre nós, temos algo em comum: somos todos descendentes da opressão dos espanhóis, portugueses e europeus de uma maneira geral, que durante todo esse tempo nos assaltaram e nos seguem dominando racialmente e economicamente. Em resumo, nossa situação atual é de opressão e de luta pela liberdade. Depois de quatro séculos e meio de jugo, estamos começando nossa década de libertação.”

OPRESSÃO

“Os índios na América do Sul somam 60 milhões e, apesar de sermos maioria com pequenas variações em toda América do Sul, temos a nos governar a tirania, a opressão e a indignidade. Os governos instituídos no Continente, sem exceção, oprimem os índios, que não têm acesso às academias militares, à hierarquia eclesiástica, à economia, nem à política. Os povos indígenas da América do Sul, tanto para os partidos de direita, como para os de esquerda, são apenas massa militante, considerada sem cérebro. Isto explica por que os índios, sendo maioria em vários países, não detêm o poder político, principalmente em países como o Peru, Bolívia, Equador e Paraguai. Os brancos, do-



Ramiro Reynaga: “a situação do índio ainda é colonial”.

minadores, nos manobram até nos censos demográficos. Os únicos censos que existem foram feitos pelos brancos. Não há levantamento de povos índios feitos pelos próprios índios e as estatísticas também são manipuladas, com a intenção de esvaziar nossa força e nossa identidade.”

A VOZ DOS ÍNDIOS

“O índio sul-americano tem o direito de ocupar um lugar nas Nações Unidas, assim como os palestinos, os índios norte-americanos. O Conselho Mundial dos Povos Indígenas tem seu reconhecimento pela ONU. Recentemente, esse mesmo organismo pediu que os índios de todo mundo, através do Conselho Mundial, se manifestassem, num documento de 500 palavras, para falar e opinar sobre a nova ordem econômica mundial, para que nós possamos expor nossa situação junto aos organismos internacionais. Vou lutar também para que ocupemos um lugar ativo nos foros internacionais e exigir uma mudança de comportamento dos governos tirânicos. Temos cérebro, cultura e expressão próprias e capacidade para nos autodeterminarmos. Não se trata de uma posição racista, mas sim de uma posição de força própria. Somos uma força que não se encaixa em nenhuma força ou estilo europeu ocidental. Os fascistas querem os índios amarrados a seus pés como massa a ser manobrada e os comunistas têm interesse pela mesma coisa em relação aos povos índios. Nossa indianidade será mantida na América do Sul. Vou ser mais claro ainda: os índios vem sendo massacrados na América e pouca gente diz alguma coisa contra. Por isso, somos antiliberaristas e contra o marxismo também, porque ele ignora os índios e acha que todos nós deveríamos ser camponeses”.